

O LAÇO AMOROSO ENTRE CASAIS E SUAS MANIFESTAÇÕES SOB A PERSPECTIVA DE PSICANALISTAS DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ

THE BOND BETWEEN LOVING COUPLES AND THEIR MANIFESTATIONS FROM THE PERSPECTIVE OF ANALYSTS IN THE WEST OF PARANÁ

Katree Michele Zuanazzi¹

Miriam Izolina Padoim Dalla Rosa²

ZUANAZZI, K. M.; ROSA, M. I. P. D. O laço amoroso entre casais e suas manifestações sob a perspectiva de psicanalistas da região oeste do Paraná. *Akrópolis* Umuarama, v. 19, n. 4, p. 269-278, out./dez. 2011.

RESUMO: O presente trabalho pesquisou o laço amoroso entre casais e suas manifestações sob a perspectiva de Psicanalistas da região oeste do Paraná. Tem como objetivos investigar a história do amor e do sexo, abordar a necessidade dos casais de se relacionarem amorosamente e, como a psicanálise interpreta as relações amorosas e a escolha do objeto de amor. Esta investigação foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica e de pesquisa de campo. Após a aprovação do Comitê de Ética realizou-se a coleta de dados com oito profissionais que atuam embasados na Psicanálise. A análise dos dados confrontou a revisão de literatura com os dados obtidos nas entrevistas e revelou que as relações amorosas reverberam essencialmente aspectos infantis na escolha objetal, tais como a relação mãe/bebê e a dissolução do complexo de Édipo. Conclui-se que há uma relação entre a infância e as escolhas amorosas da vida adulta. Isso ocorre porque cada sujeito se constitui mediante as representações que foram significativas na sua infância, e é a partir destas representações que ocorrerá a busca pela satisfação na vida amorosa adulta. Ou seja, o laço amoroso entre casais está pautado nas primeiras marcas de satisfação deixadas pelos vínculos amorosos constituídos durante a infância.

PALAVRAS-CHAVE: Amor; Sexualidade, Psicanálise.

ABSTRACT: This study investigated the bond between loving couples and their manifestations from the perspective of Psychoanalysts of the western region of Paraná. It aims to investigate the story of love and sex, address the need for couples to relate lovingly and as psychoanalysis interprets romantic relationships and the choice of love object. This research was conducted through literature search and field research. After approval by the Ethics Committee held data collection with eight professionals who work grounded in psychoanalysis. Data analysis confronted the literature review with data obtained in the interviews and revealed that romantic relationships on children's issues reverberate mainly object-choice, such as the mother / baby relationship and the dissolution of the Oedipus complex. We conclude that there is a relationship between childhood and adulthood loving choices. This is because each subject is constituted through the representations that were significant in its infancy, and from these representations that occur to search for satisfaction in their love life. That is, the bond between loving couples is based in the first marks left by the satisfaction of loving bonds formed during childhood.

KEYWORDS: Love, Sexuality, Psychoanalysis.

¹Acadêmica da 5ª série do Curso de Psicologia. Orientanda de TCC da Universidade Paranaense - UNIPAR/Cascavel – Paraná e-mail: k_zuanazzi@hotmail.com.

²Orientadora. Docente da Universidade Paranaense - UNIPAR - Toledo/PR e Cascavel/PR. Graduada em Psicologia pela UNIJUL/RS; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela UNIGRAN/MS. Mestre em Educação pela UAA/PY e Pós-graduanda em Psicanálise Clínica e cultural pela UNIPAR/PR. Praticante da psicanálise freudolacanian e-mail: dallarosa@unipar.br.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é elucidar o relacionamento conjugal, voltando-se ao laço amoroso existente entre casais sob a perspectiva da psicanálise. Esta pesquisa apresenta uma breve introdução sobre a história do amor e da sexualidade, a definição de laço amoroso e suas formas de manifestação, partindo dos pressupostos da psicanálise, sejam na manutenção do laço ou na separação.

A primeira parte deste artigo trata da história da sexualidade e do amor, a qual tem sido permeada pelo mecanismo do poder. As leis morais estabelecem o que deve ser aceito e o que é reprovado em uma sociedade considerada sã, mesmo que tal entendimento seja impregnado de hipocrisia. O sexo até meados do século XVII era vivido com aparente normalidade, a partir de então surgem regras sociais para tentar nivelar o comportamento sexual, assim cresceu progressivamente o interesse de estudá-lo e classificá-lo dentro dos padrões de normalidade. Assim, nasce a palavra sexualidade e são feitas classificações referente a ela. A princípio a lei social estabeleceu uma fusão entre sexo e amor e em seguida houve uma cisão entre estes termos.

A segunda parte deste estudo trata das vinculações afetivas que têm sua origem no primeiro ano de vida da pessoa quando ela precisa do Outro¹. Também apresenta os tipos de escolha de objeto de amor no homem e na mulher e, questões subjetivas que contribuem para o rompimento e para a permanência do laço amoroso.

Como metodologia utilizou-se de pesquisa bibliográfica e de pesquisa de campo. A pesquisa de campo foi realizada com oito Psicólogos com formação em Psicanálise, que atuam na região Oeste do Paraná. O instrumento para coleta de dados foi uma entrevista semidirigida contendo oito perguntas, com a aprovação pelo Comitê de Ética. A partir da análise dos dados constatou-se que o laço amoroso se constitui como uma busca pela satisfação pulsional. Assim, o que a pessoa ama não é o objeto, mas sim o significante dele, a satisfação que ele implica e ainda, que toda escolha amorosa na idade adulta é permeada pelas relações objetais infantis, as quais têm relação estreita com a constituição psíquica e com a passagem pelo Complexo de

Édipo.

REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DO AMOR E DA SEXUALIDADE

Com o intuito de fazer uma reflexão antropológica sobre o laço amoroso e a sexualidade utilizar-se-á das contribuições de Michel Foucault sobre a história da sexualidade, de Philippe Ariès acerca da história da família. E ainda de autores como Lacan (2002) e D'Inção (1989).

Durante a idade média, na França, não existia a constituição familiar demarcada como na atualidade. Os casais se relacionavam sexualmente e as crianças iam crescendo sem cuidados específicos ou vínculos afetivos bem definidos. As pessoas viviam em comunidade, não existia um lugar privado para o casal ou para as famílias. A família não era institucionalizada, os locais ocupados eram todos utilizados comunitariamente sem haver uma divisão ou organização que estabelecesse que espaço pertencesse a quem, todos desfrutavam, usufruíam, compartilhavam o mesmo meio sem haver restrições geográficas dentro da comunidade. Não havia, nessa época, na sociedade a necessidade de defender território e garantir vantagens à prole tendo em vista que todas as crianças eram criadas por todos não existindo uma vinculação amorosa diferenciada para os indivíduos com laços consanguíneos. Ou seja, não havia uma distinção entre o público e o privado (ARIÈS, 1978).

Para Foucault (1985) as questões relacionadas ao sexo eram tratadas com certa franqueza até o início do século XVII, não existindo a necessidade de manter segredos, nem moralizar o discurso sobre sexo, o qual era feito com naturalidade e sem repressões. No decorrer deste século, e no próximo, as questões sexuais passaram a ser vedadas, disfarçadas, tornado-se algo particular, algo de dentro de casa, cessando-se a naturalidade do discurso sobre sexo e passando-se a falar deste de forma mascarada. O sexo então, passou a ser aceito pela sociedade com a função única e específica da reprodução, servindo apenas para o casal legítimo gerar a prole conforme se referem às leis religiosas da época. A ordem repressiva sexual foi norteadada pelo mecanismo do poder. A censura veio como uma forma de controle sobre o sexo, tentando barrar a incidência de sua prática, restringi-lo,

¹Outro: definição lacaniana para a figura onipotente da mãe ou de autoridade do pai, que pode ser encarnado por outras pessoas na relação com o sujeito.

negá-lo. Porém, conforme emergiam estas restrições ocorria o inverso do esperado, quanto mais se tentava calar o sexo, mais se criavam espaços específicos (e “ilegais”) para a sua prática na sociedade, e, ao mesmo tempo, se tentava classificá-lo.

Mas por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo. E não tendo sob a forma de uma teoria geral da sexualidade, mas sob uma forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através das pesquisas quantitativas ou causais. Levar “em conta” o sexo, formular sobre ele um discurso que não seja unicamente o da moral, mas da racionalidade [...] cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se (FOUCAULT, 1985, p. 26).

Esta ânsia, que se intensificou nesta época, em constituir padrões é muito mais antiga, pode-se dizer que sempre existiu. No séc. XII surgiu uma proposta inicial para que, uma vez por ano, todos se ajoelhassem e confessassem minuciosamente todos os seus erros principalmente os sexuais, na época a população achou incabível, no entanto, 700 anos depois a maior parte da sociedade concebe isto com normalidade. Os confessionários tornaram-se uma forma de controle sobre o sexo. O cristianismo associou-se a prática sexual e só a aceitava dentro de relações monogâmicas e para a finalidade de procriação. Isso contraria o pensamento existente em Roma e na Grécia que veneravam o sexo e o considerava lícito até entre pessoas do mesmo sexo. Entretanto, pesquisando esse tema no século I descobre-se que as relações sexuais eram permeadas pelo medo imposto através do cristianismo e da medicina da época que afirmavam que o uso dos prazeres sexuais era nocivo aos homens. Nessa época, foi descrita uma patologia como “perda de sêmem” causada pela prática do sexo e pensava-se que os grandes heróis eram homens capazes de desviar-se do prazer e por isso alcançaram honra e glória. Foucault (1984) expõe a ideia de São Francisco de Sales e Plínio que faziam uma referência aos elefantes que escolhem um companheiro para permanecer a vida toda, copulam uma vez a cada três

anos, durante cinco dias, ninguém vê esse ato e após o término eles se lavam e só então tornam a integrarem-se no seu grupo social, eles descrevem isto como honra sexual e um modelo que deveria ser seguido pelos homens.

Com o enaltecimento da vertente cristã e médica a respeito do sexo o matrimônio monogâmico foi entendido como estereótipo adequado para uma sociedade padronizada. Sexo e amor eram entendidos como sinônimos, o sexo estava em constante vigilância e haviam recomendações e prescrições sobre este: “o dever conjugal, a capacidade de desempenhá-lo, a forma pela qual era cumprido, as exigências e as violências que o acompanhavam, as carícias inúteis ou indevidas” (FOUCAULT, 1985, p. 38), além disso, estipulavam-se seu momento e sua frequência.

Sobre o surgimento da família Lacan (2002) afirma que desde os tempos mais primitivos os modelos familiares eram compostos essencialmente por uma figura de autoridade masculina (pai e/ou chefe de família).

A família surge inicialmente como um grupo natural de indivíduos unidos por uma relação biológica: a geração, que dá os componentes do grupo; a condição do meio que o desenvolvimento dos jovens postula e que mantém o grupo na medida em que os adultos geradores asseguram sua função (LACAN, 2002, p11).

No século XIX o homem se casava para ter conforto de um lar e ser chefe de família, que era justamente o que se esperava dele socialmente. O homem não precisava abrir mão de suas aventuras amorosas e podia manter uma postura abusiva em relação à esposa, o único papel que ele tinha responsabilidade de manter era o de ser mantenedor da casa, devia sustentar a família e manter o procedimento decoroso da esposa e dos filhos em relação a ele e a sociedade.

Os casamentos eram arranjados pelos pais e nem se pensava na existência ou inexistência de amor ente os cônjuges. “Na visão da igreja, não era por amor que os cônjuges deveriam unir-se, mas sim por dever: para pagar o débito conjugal, procriar e finalmente, lutar contra a tentação do adultério” (D’INÇAO, 1989, p.33). Foi somente em meados do século XIX que alguns países começaram a aceitar a escolha do parceiro pautando-se no quesito amor.

Fato que é resultante das ideologias individualistas que começaram a emergir, onde o indivíduo antes considerado agente empírico passou a ser visto como um ser moral e também psicológico.

Ainda sobre o surgimento da família Lacan (2002) exprime que a união conjugal se dá pela necessidade de estabelecer uma continuidade psíquica a gerações futuras. Ele está de acordo com a ideia de Foucault, que diz “o indivíduo durante muito tempo foi autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem - família, lealdade, proteção” (FOUCAULT, 1985, p.58).

Sobre a influência da igreja nas questões de amor e sexo Lacan (2002) aponta que ela incorporou à sua tradição, na moral do cristianismo, a questão de que para a efetuação do casamento se deveria ser livre a escolha do cônjuge. Isso deu origem à instituição familiar em sua estrutura moderna.

O amor sempre foi tema da filosofia e Platão é uma das principais referências. Em *O Banquete*, Platão (2003) fala sobre o discurso de Pousanias, o qual afirma que o amor pode ser belo ou feio, dependendo da forma como o amante o pratica. O amor descrito aqui como belo é decente, é aquele em que se ama mais a alma do que o corpo e que se funde por toda a vida e, o feio é chamado indecente, é o que se encanta pela beleza do corpo e quando esta termina, termina também o amor e se esquece juntamente todas as juras feitas. Portanto, percebe-se que há muitas formas de compreender o amor, assim como a relação amorosa. Na próxima seção será apresentado laço amoroso a partir da visão psicanalítica.

LAÇO AMOROSO NA ÓTICA PSICANALÍTICA

Para entender o vínculo amoroso em psicanálise é preciso compreender a constituição psíquica. Freud (1915) afirma que existe uma estrutura psíquica que rege a sobrevivência do indivíduo, nela há o instinto que se caracteriza pela busca da satisfação de necessidades básicas fisiológicas como alimentação, e a pulsão que tem a função de buscar satisfação, mas não é fisiológica, pois busca satisfazer as necessidades subjetivas do indivíduo, o desejo, o querer, o amor e atenção do outro. A pulsão se manifesta quando a criança começa a perceber que a mãe não é uma extensão de si mesma e se percebe como um ser separado, ela então sente a falta

da mãe quando esta não está presente.

Esta experiência de sentir/viver a ausência da mãe pode ser definida como uma falta, a qual é um dos componentes para a estruturação psíquica, a maneira como a criança lida com esta falta definirá sua estruturação psíquica que poderá ser neurótica, psicótica ou perversa. O neurótico sente a falta e sofre com ela, o psicótico foraclui a falta, já o perverso nega a falta (QUINET, 2005).

A maneira de lidar com o objeto amado na infância se repetirá ao longo da vida, toda a vez que a pessoa se relacionar com o outro repetirá os padrões daquele primeiro contato que teve com este primeiro outro, no caso, a mãe. Portanto, o sujeito sente uma satisfação ao imaginar a presença de sua mãe quando perceber a falta dela na realidade, isso gera uma marca ilusória de completude que será desejada inconscientemente durante toda a vida.

Para Freud (1915) o prazer é o que regula os eventos mentais, em que o próprio funcionamento busca a redução de tensão ou produção de prazer. O princípio do prazer é descrito como o desejo pela satisfação imediata das vontades. O autor expressa que o princípio de prazer dá lugar ao princípio de realidade, e isso ocorre não só com a intenção de obter prazer, mas também com a tentativa de evitar o desprazer. O princípio da realidade é entendido como uma postergação da gratificação, desta forma as vontades que não podem ser satisfeitas exatamente naquele momento são adiadas.

O ato de desejar então parte desta corrente de excitação que regula o prazer e o desprazer. Através do desejo se é possível fazer a descarga de energia pulsional desprazerosa produzida pela falta em algum objeto que implique em um determinado prazer. O desejo e o amor podem ser descrito como formas de o sujeito retomar a satisfação que um dia teve, ou imaginou ter.

Freud (1905) define libido como energia sexual a qual se emprega para a satisfação de prazeres. O vínculo de amor é concebido como o investimento libidinal em algum objeto ou pessoa. Ao longo da vida esses objetos vão mudando conforme o nível de satisfação que proporcionam. Não se ama o objeto que se diz amar, ama-se o prazer que ele implica. O amor é satisfação de prazer.

Sobre isso, Freud (1905) elaborou uma noção de sexualidade como sendo parte da for-

mação psíquica desde a primeira infância. Para ele há uma psicosexualidade que se inicia pela oralidade, através da pulsão oral (que bordeia a boca), perpassa as zonas erógenas anal e genital. Porém, toda pulsão é parcial, pois há um circuito pulsional no corpo que privilegia partes do corpo ao longo da primeira infância, primeiro a boca, depois o ânus e por fim os genitais. O circuito pulsional faz com que estas partes do corpo permaneçam erotizadas por toda a vida. Uma prova disso é o prazer encontrado na vida adulta no ato de beijar, ou no ato de alimentar-se, ambos utilizam o prazer da mucosa da boca. Outro exemplo é a retenção das fezes no adulto em uma situação de medo, o que confirma a noção de psicosexualidade.

A psicanálise revelou na criança pulsões genitais cujo seu apogeu se situa no quarto ano de vida [...] Fixando a criança por um desejo sexual ao objeto mais próximo que normalmente a presença e o interesse lhe oferecem, a saber, o progenitor do sexo oposto (LACAN, 2002, p. 42).

O Complexo de Édipo, apresentado por Freud, descreve o complexo de sentimentos presentes na vida psíquica de uma criança. Para compreender tal complexo deve-se partir do mito original de Édipo Rei e também de Electra. Sófocles (2002) explica que estes dois mitos expressam a angústia do filho pela relação incestuosa com a mãe, o assassinato do pai e a angústia da filha que idolatra o pai e mantém uma rivalidade com a mãe. A partir destes mitos Freud (1905) define que o complexo de Édipo, que ocorre por volta dos quatro anos, é a fase da vida em que aflora a sexualidade e se inicia a escolha de um dos progenitores como objeto de amor e o outro como objeto de identificação.

Para Lacan (1999) o âmago do complexo de Édipo é deparar-se com um limite que não é só biológico, mas também um limite constituinte. Não é apenas não poder relacionar-se com seu genitor porque o outro não quer, é o não poder porque não se suporta. A criança não tem maturidade para entender a excitação naquele momento por isso ocorre o recalque.

O recalque é uma operação psíquica que ocorre na constituição da neurose. Tem a função de excluir da consciência todos os impulsos,

ideias, pensamentos que causam ansiedade ou tensão ao aparelho psíquico. Desta forma, aquilo que na consciência é penoso é lançado no inconsciente para se tornar suportável ao Ego (Eu).

Lacan (1999) faz uma releitura de Freud e estabelece três tempos na ocorrência do complexo de Édipo. O primeiro tempo denomina-se a dialética do desejo, aqui há uma relação de alienação com a mãe, a criança fica assujeitada ao superego da mãe e aos desejos desta, pois a considera um Outro onipotente, tem o sentido de substituto de falo para mãe. O segundo tempo é chamado de dialética do ser, neste tempo entra-se na separação, a criança começa a construir seu mundo simbólico, se constituir como sujeito, depara-se com a angústia, pois fica dividida entre seu desejo e o desejo da mãe, deixa de ser o objeto fálico desta e depara-se com suas frustrações. O terceiro e último tempo é descrito como a saída do Édipo, é dito a dialética do ter, a criança começa a perceber a diferenciação entre masculino e feminino, o pai é visto como aquele que tem, aquele que sanciona a lei, e a criança faz a significação e registra esta experiência de castração.

Como este desejo pelo genitor do sexo oposto não pode ser satisfeito e é censurado pelo superego causando sentimento de culpa, este desejo é recalcado. Assim, o relacionar-se com o outro, na idade adulta, vem como uma oportunidade de realização do amor genital que se buscava, mas não podia ser satisfeito na infância e, nele acontece as repetições das formas infantis de se relacionar através da busca pela obtenção de prazer. Portanto, a relação de amor é marcada pela ambivalência de sentimentos já que o objeto de amor é ora amado e ora odiados por se manifestar sob diversas formas entre satisfatório e frustrante.

Lacan (1985) concebe que o desejo de uma pessoa de possuir a outra nada mais é do que o desejo por gozar do corpo do Outro e isto parte da identificação que se tem com este objeto que se deseja possuir. Este gozo² diz respeito à satisfação que se obtém com alguns eventos e/ou situações que, no caso, referem-se ao Outro que é o objeto de amor.

Goza tem esta propriedade fundamental de ser em suma o corpo de um que goza de

²Goza: conceito lacaniano que está relacionado a satisfação e a sexualidade, mas difere-se do conceito de prazer. Tenta definir a satisfação inconsciente.

uma parte do corpo do Outro. Mas esta parte também goza – aquilo agrada ao Outro mais, ou menos, mas é fato que ele não pode ficar indiferente (LACAN, 1985, p. 35).

A ESCOLHA AMOROSA E SUAS IMPLICAÇÕES

Lacan (2002) evidencia que os complexos familiares são compostos por fatores inconscientes representados por imagos e tem a função de desempenhar um papel de organização do psiquismo. As imagos são descritas como um padrão inconsciente de personagens que orienta a concepção do Outro pelo sujeito. Assim, as pessoas veem o amor como uma possibilidade de fazer de dois um só, nos relacionamentos amorosos as pessoas buscam a simbiose para desfrutar do gozo desta relação (LACAN, 1985).

Freud (1905) descobriu que a feminilidade e masculinidade são construídas socialmente durante os primeiros anos de vida e através dos contatos de proximidade com as pessoas. A partir daí que se originam as formas de escolher o objeto de amor e se relacionar com ele. A escolha do objeto amado é baseada num movimento pulsional de encontrar um objeto perdido e desejado. Desta forma, toda escolha amorosa parte de um objeto original desejado e impedido, tem suas origens no complexo de Édipo e norteia-se pela busca de satisfação. Todavia, a plena satisfação é algo inalcançável e a partir disso ao longo da vida surgem objetos substitutos.

A escolha do objeto de amor está intrinsecamente associada ao investimento libidinoso da pessoa em algo ou alguém exterior a ela. Freud (1905) aponta que a questão da sexualidade esta atrelada à pessoa desde o seu nascimento com sua busca de prazer por diferentes formas. A criança vai constituindo sua sexualidade a partir do conhecimento do prazer e começa a erotizar o Outro como objeto de amor, ou seja, investimento libidinal. Isso faz com que se elejam objetos para se empregar amor, pois propiciam certa satisfação.

Freud (1912) ao falar sobre um comportamento amoroso normal remete a questão de que este é constituído por uma corrente afetiva e uma de sensualidade. A afetiva é retratada como os primeiros vínculos existentes, que são expressos na relação com os cuidadores, têm-se

a pulsão de autopreservação e leva uma carga de pulsões sexuais o que faz o sujeito deparar-se com o incesto. Por esse motivo, na maioria dos casos, a corrente afetiva é desvinculada da corrente sexual, fazendo com que o homem ame uma mulher por quem não tenha desejos sexuais e deprecie aquela por quem tenha. Essa postura de amar uma e desejar outra ocorre pela relação que se teve com a mãe, pois a mãe sendo a mulher do pai lhe é uma mulher impossível sexualmente, a essa deve amar e ao mesmo tempo tem-se o desejo por ela daí a necessidade de depreciá-la. Assim, o homem só seria pleno no amor se aceitasse a condição incestuosa ao amar outra mulher.

“Um homem deixará seu pai e sua mãe – segundo o preceito bíblico – e se apegará à sua mulher; então, se associam afeição e sensualidade” (FREUD, 1912, p. 165). Freud ainda afirma que um objeto amoroso é mais valorizado na medida em que promove mais paixão sexual e que na mulher não há a necessidade de depreciar o objeto de amor, em contrapartida sua atividade sexual vem anexada com a proibição.

Na visão psicanalítica a sexualidade não ocorre de forma idêntica para os dois sexos. No menino não haverá a troca do objeto de amor logo ao sair da relação de simbiose com a mãe e vai continuar a tendo como objeto de desejo, já na menina ocorre o inverso, a mãe que no início lhe era um objeto de prazer por lhe propiciar satisfação de necessidades fisiológicas, passa, na entrada do complexo de Édipo, a ser objeto de identificação e rivalidade, enquanto se emprega a libido no pai.

Em um relacionamento amoroso há duas posições, uma passiva e outra ativa, a primeira é representada pelas características femininas e a segunda pelas masculinas. Pommier (1991) ao tratar essa questão utiliza-se do mito de Tirésias³ que revela o gozo da mulher pela passividade, ou seja, a mulher esconde sua superioridade porque obtém ganhos com sua fragilidade. Porém, a questão do gozo do corpo é a mesma para os dois sexos. “Para o homem enquanto que provido de órgão dito fálico – eu disse dito -, o sexo corporal, o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo” (LACAN, 1985 p.15).

Segundo Lacan (1985) o amor também é essencialmente narcísico, Freud (1914) define

³Neste mito Tirésias, quando abordado por Zeus, revela que a mulher sente dez vezes mais prazer que o homem.

narcisismo como uma etapa do desenvolvimento do eu, forma particular de se relacionar com a sexualidade, um processo pelo qual o sujeito se identifica em seu próprio corpo.

A princípio tem-se o narcisismo que Freud (1914) denominou como primário por ser a primeira forma de satisfação libidinal, aqui o prazer é oriundo do autoerotismo, caracterizado pela ausência de relação com o meio, acontece com a criança por ter a sensação de bastar para a mãe. Aqui há uma dualidade entre mãe e criança que é perturbada com a crise edípica em que a criança percebe um terceiro na relação e se vê como insuficiente assim ela procura ter aquilo que lhe falta para ser idealizada. O narcisismo primário começa então a se transformar em narcisismo secundário que se dá através do investimento da libido em objetos exteriores a si, ocorre por um processo de identificação aonde o eu vai se constituindo incorporando traços de objetos com o intuito de retomar aquela condição narcísica primordial e diminuir a discrepância entre o eu e o ideal.

Após a formulação do narcisismo Freud (1915) parte para as implicações do objeto na escolha amorosa e então formula os conceitos de amor narcísico e anaclítico. O amor descrito como narcísico é quando o amor volta-se para si mesmo, ama-se quem se é o que reproduz a própria imagem. Já no amor anaclítico é quando o objeto de amor (objeto sexual) é visto como o outro, ou seja, aquele que supre suas necessidades com alimentação, carinho, proteção, geralmente na forma anaclítica o objeto de amor é a mãe ou alguém que faça a função materna, pois está pautada nas pulsões de autoconservação. O amor narcísico é então caracterizado como egoísta e o anaclítico como altruísta.

Para Freud (1914) a escolha objetual narcísica implica em amar a si mesmo através de seu semelhante e que todo amor por algum objeto comporta mesmo que parcialmente o narcisismo. O narcisismo é um dispositivo defensivo para manter uma falsa sensação de autosuficiência.

Para Pommier (1991) homem e mulher escolhem de forma diferente. A mulher, por ser um sujeito faltoso, poderá presentificar o falo sendo o objeto de amor de um homem. A mulher por sentir a falta fálica pensa que o homem

pode satisfazê-la. O homem, por sua vez tenta satisfazer-lhe. Mas isso implica em frustração porque nenhum tem capacidade de suprir a falta do outro. Os casais se organizam de forma a perpetuar uma fantasia de união absoluta que proporcione satisfação para ambas as partes e o vínculo se rompe caso esta tentativa falhe.

As pessoas atribuem um ideal de felicidade no objeto de amor, acreditando que este o irá preencher só que ao mesmo tempo tem que conviver com as impossibilidades do outro para que o vínculo seja mantido, "o amor, será que é fazer um só?" (LACAN, 1985 p.13). Sim, mas de forma alienada. Sem considerar o desejo de cada um.

METODOLOGIA

Este trabalho foi elaborado por meio da revisão de literatura e também com a execução de uma pesquisa de campo. Tal pesquisa realizou-se por amostragem. Esta amostra compreende um total de oito psicólogos com formação em psicanálise que atuam na região oeste do Paraná. O projeto de pesquisa foi realizado no mês de março e aprovado⁴ pelo Comitê de Ética da Universidade Paranaense/Campus Umuarama/Pr.

O instrumento para a pesquisa de campo, que foi do tipo qualitativa, foi uma entrevista⁵ estruturada com oito (8) questões abertas, apresentadas de forma semidirigida. As entrevistas foram realizadas individualmente com cada profissional. Ela ocorreu durante os meses de agosto e setembro/2010.

ANÁLISE DOS DADOS

A partir da análise das questões um (1) e dois (2), percebeu-se, que todos os entrevistados comungam da Psicanálise pautando-se primordialmente em Sigmund Freud e Jacques Lacan. Em conformidade com o embasamento teórico alguns afirmam que o laço amoroso é a busca de completude e de satisfação. Uma das entrevistadas faz referência a Freud e Lacan ao dizer que o amor é narcísico.

Entre os psicanalistas que tem conhecimento sobre os complexos familiares apresentados por Lacan alguns concordam plenamente

⁴Certificado em anexo.

⁵O modelo de entrevista está apresentado em anexo.

que estes interferem na escolha objetal e outros concordam parcialmente: “Sim, se esse[homem ou mulher] não retificou esse complexo, e não retificou e significou o seu sintoma, mais uma vez relaciona-se de acordo com o complexo de Édipo” (S.I.C.).

Acerca das questões quatro (4) e cinco (5) foi perceptível que todos os entrevistados responderam encontrarem em sua prática clínica a relação amorosa como causa de sofrimento psíquico: “Como se busca o que não se tem, enquanto não se tem claro que o Outro não tem para dar causa sofrimento. A mulher pensa que se ela não tem, mas o homem tem então ele pode dar a ela. O homem pensa que tem e tem medo de perder. O laço amoroso leva o sujeito a se deparar com a sua castração. As mulheres sofrem porque o homem não dá o que ela quer e o homem sofre (segundo o discurso masculino) porque não consegue satisfazer a mulher.” (S.I.C.).

Ainda sobre a questão cinco (5) que investiga se o amor pode ser responsável por sintomas físicos, todos concordaram, uma das entrevistadas salientou que depende da estruturação psíquica, ou do sujeito inconsciente. Isso confirma a teoria que diz que quem faz sintoma é o neurótico, enquanto o psicótico e perverso não, portanto, sendo o paciente neurótico poderá apresentar um sintoma físico em função da perda ou do vínculo com o objeto amado.

Sobre a questão seis (6) que aborda o complexo de Édipo todos os sujeitos que participaram desta pesquisa afirmam que este pode possuir influência na escolha amorosa na idade adulta: “Mas concordo porque vocês utilizam o termo ‘permeada’. As respostas anteriores já apontaram isso... É muito arriscado quando falamos em ‘escolha do companheiro’, o termo ‘escolha’ nos faz pensar em ‘decisão consciente’. Mas enfim, a passagem pelo Édipo é decisiva no posicionamento da criança perante o sexo (me afirmo como homem ou mulher? A psicanálise fala em ativo/passivo – o que torna a questão bem mais complexa!” (S.I.C.). Estas respostas estão pautadas nas ideias Freudianas, ou seja, os complexos familiares, especialmente o complexo de Édipo, são referência para as escolhas amorosas na vida adulta.

As duas últimas questões sete (7) e oito (8) que interrogam sobre a permanência ou o rompimento do vínculo foram respondidas de forma semelhante por todos os entrevistados.

Nas respostas encontrou-se que o vínculo se mantém pela necessidade de não estar só, pela dependência emocional e por questões inconscientes. E ainda que este vínculo pode ser rompido por um novo deslocamento e pela forma com que cada um lida com a castração. Relataram também que para perdurar o relacionamento deve-se aceitar que o outro não tem para dar, o que “lhe falta” e aprender a conviver com isso. “Cada caso demonstraria aspectos distintos. A nós cabe a pergunta: o rompimento é fruto de um novo deslocamento e, portanto seria um ato sintomático? Ou o rompimento aparece como elaboração sobre o que mantinha as identificações do sujeito? (o paciente pôde por em questão o processo de alienação/separação?)” (S. I. C.). Também na pesquisa bibliográfica ficou enfatizado, perante os pressupostos freudianos, o amor como uma forma de adquirir prazer e que o vínculo permanece enquanto há alguma forma de satisfação para ambas as partes, não sendo assim o relacionamento findará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que o tema laço amoroso é fascinante na contemporaneidade, pois há um maior interesse social neste tema. Este estudo encontrou material escrito abundante e percebeu-se que há uma valorização crescente em pesquisas sobre os relacionamentos afetivos, principalmente entre cônjuges. Alguns dos Psicanalistas entrevistados expuseram que o maior índice de queixa presente na clínica é referente a relacionamento amoroso. Talvez isso deva ao fato de que as vinculações amorosas se fazem presentes por toda a vida de uma pessoa, todos os neuróticos se relacionam afetivamente de alguma forma.

Constatou-se neste estudo que o amor conjugal é vivido em sua impossibilidade. E isso é facilmente percebido nos romances clássicos nos quais encontram pares famosos como Tristão e Isolda e Romeu e Julieta, os quais demonstram a impossibilidade do amor ser vivido na “prática”, estes clássicos apresentam a tragédia, as dificuldades, e o desejo humano de amar e ser amado. No entanto, na literatura não existe prova de que o amor seja justo porque homem e mulher amam de forma diferente, então, não é possível encontrar a justa posição entre os que se amam.

Com a revisão de literatura feita, asso-

ciada às respostas dadas pelos Psicanalistas que participaram da entrevista, constatou-se que o ser humano busca no Outro a completude, a unicidade, a simbiose. Ou seja, o que um casal faz é buscar no Outro aquilo que lhe falta, e que se acredita que o Outro tem, e se deseja dar e poder dar. Mas isto é uma ilusão, e o que se percebe é que a ilusão mantém a busca do amor, mantém o desejo de ser amado.

É ilusão, pois, o ser humano neurótico, por ser insatisfeito, não pode encontrar nada no mundo que o satisfaça totalmente, pois isso equivaleria à perda do desejo, seria a própria morte. Portanto, é justamente isso que perpetua a busca constante por satisfação, principalmente nos relacionamentos amorosos.

Mediante ideias freudianas estudadas foi possível perceber a impossibilidade e possibilidade de um relacionamento perdurar. Impossibilidade na medida em que satisfação total em um relacionamento é impossível, irreal, mas que o relacionamento pode ter a possibilidade de perdurar se cada um se aceitar como sujeito faltante e deixar de cobrar do outro, e de si mesmo, a satisfação plena e a completude.

E como essa aceitação implica na aceitação da castração algumas pessoas buscam a análise pessoal para tratar esta questão. Isso foi percebido pelas entrevistas com alguns dos psicanalistas da região oeste do Paraná. Assim, constatou-se que os laços amorosos existentes entre casais constituem-se como o núcleo dos conflitos mais discutidos na clínica psicanalítica. Na contemporaneidade os casais adoecem pelo desconchavo de ter expectativas em relação aos relacionamentos e ao mesmo tempo inibição, sintoma e angústia por não aceitarem os limites impostos pela castração.

Amar é uma tentativa de driblar a castração. Amar é uma forma de se manter desejante. É preciso amar. E também, saber sobre a castração, ou seja, saber dos limites e impossíveis da relação amorosa.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **Historia social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

D'INÇAO, M. A. (Org.). **Amor e família no Brasil**. 40. ed. São Paulo: Contexto, 1989. 160 p.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a**

vontade do saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 152 p.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984. 232 p.

FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v.7, p.13-116.

_____. O inconsciente (1915). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.14, p. 165-222.

_____. Observação sobre o amor transferencial (1915). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12.

_____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (1912). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v.11, p. 181-195.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 14, p. 77-108.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 7, p. 117-229.

_____. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (1905). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v.11, p. 167-179.

LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002. 99 p.

_____. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985. 201 p.

_____. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999. 532 p.

PLATAO. **O banquete**. Para de Minas: Virtual Books Online M&M Editores, 2003. 9 p.

ZUANAZZI, K. M.; ROSA, M. I. P. D.

POMMIER, G. **A exceção feminina: os impasses do gozo.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991. 139 p.

QUINET, A. **As 4 + 1 condições de análise.** 10. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

SÓFOCLES. **Édipo rei.** Para de Minas: Virtual Books Online M&M Editores, 2003. 56 p.

_____. **Electra.** Para de Minas: Virtual Books Online M&M Editores, 2003. 64 p.

EL VÍNCULO AMOROSO ENTRE PAREJAS Y SUS MANIFESTACIONES DESDE LA PERSPECTIVA DE PSICOANALISTAS DE LA REGIÓN OESTE DE PARANÁ

RESUMEN: El presente estudio investigó el vínculo amoroso entre parejas y sus manifestaciones desde la perspectiva de Psicoanalistas de la región oeste de Paraná. Su objetivo es investigar la historia del amor y del sexo, abordar la necesidad de las parejas en relacionarse amorosamente y, como el psicoanálisis interpreta las relaciones amorosas y la elección del objeto de amor. Esta investigación se realizó por medio de pesquisa bibliográfica y de pesquisa de campo. Tras la aprobación del Comité de Ética se realizó la recopilación de datos con ocho profesionales que actúan embasados en el psicoanálisis. El análisis de los datos confrontó la revisión de literatura con los datos obtenidos en las entrevistas y reveló que las relaciones amorosas reverberaron esencialmente aspectos infantiles en la escoja objetual, tales como la relación madre/bebé y la disolución del complejo de Edipo. Se concluye que hay una relación entre la niñez y las elecciones amorosas de la vida adulta. Eso ocurre porque cada sujeto se constituye mediante las representaciones que fueron significativas en su niñez, y es a partir de estas representaciones que ocurrirá la búsqueda por la satisfacción en la vida amorosa adulta. O sea, el vínculo amoroso entre parejas está pautado en las primeras marcas de satisfacción dejadas por los vínculos amorosos constituidos durante la niñez.

PALABRAS CLAVE: Amor, Sexualidad, Psicoanálisis.